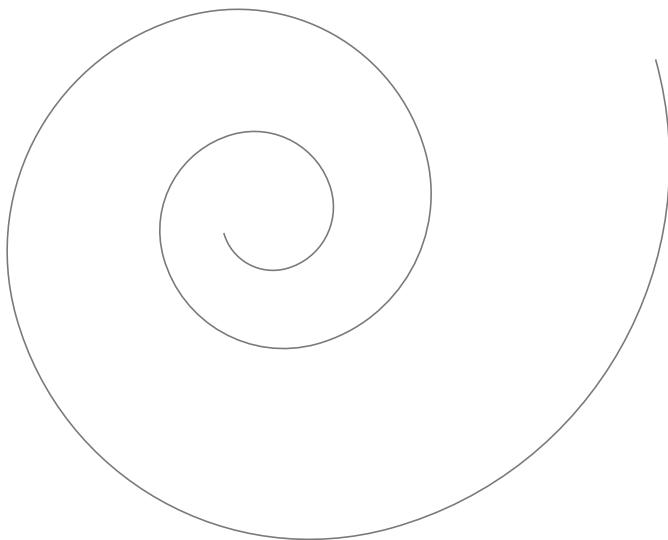


# disciplina do devaneio



Bianca Mimiza



Universidade de São Paulo  
Escola de Comunicações e Artes  
Departamento de Artes Plásticas

# disciplina do devaneio

Bianca Melo Mimza  
Orientador: Prof. Dr. Luiz Cláudio Mubarac



Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Departamento de Artes Plásticas da Escola de  
Comunicações e Artes da Universidade de São  
Paulo, como requisito à obtenção do título de  
Bacharel em Artes Visuais

São Paulo  
2020



À Renata Cruz pelo que não cabe nas palavras;

Ao Claudio Mubarac, pela orientação;

Aos meus pais Sandra e Stefano;

À dani-vi, companheire de escuta e coração enormes;

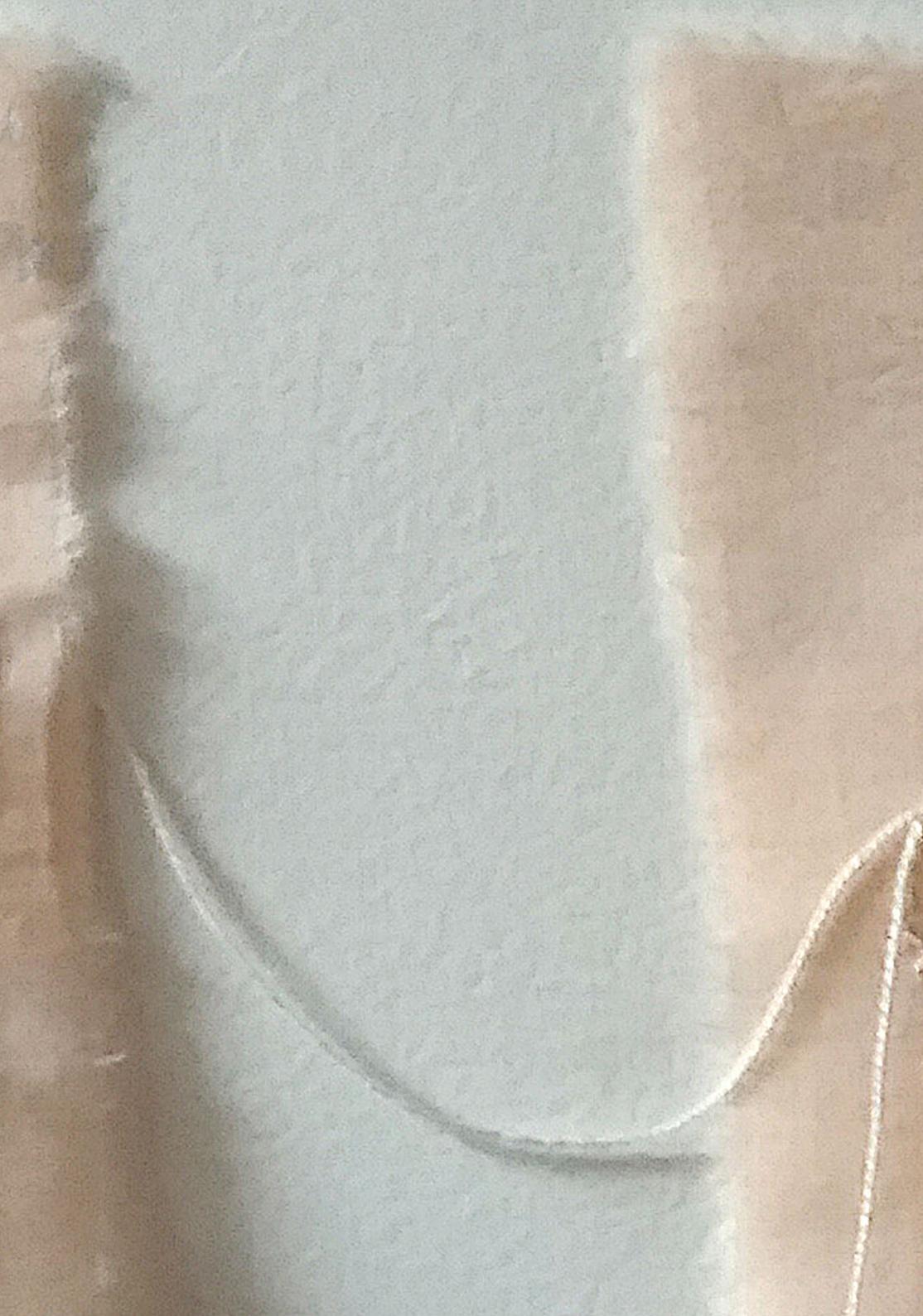
Ao meu irmão André;

Às amigas e amigos: Renata Malachias, Cris Panariello, Laura Mallozi, Bia Penha, Juliana Britto, Roberta Segura, Toni, Bruno Ferreira, Rafael Aguaoio, Paula Viana, Laura Berbert, Pedro Ursini, Talita Hoffmann, Clara Amarante, Paula Toni, Carlos Jeucken, por construir comigo este trabalho;

Às professoras e professores, mestras e mestres-aprendizes que fizeram da escuta um canal de encontro nesta caminhada;

Às funcionárias e funcionários do departamento de artes plásticas.





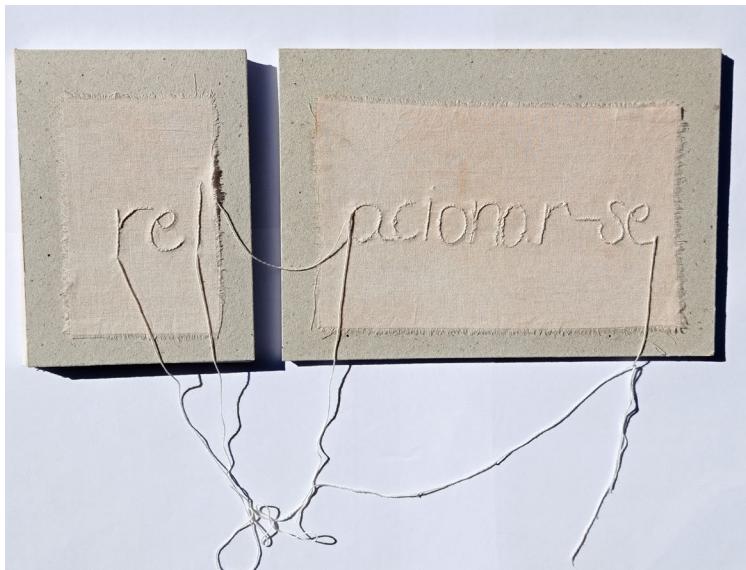
A *disciplina do devaneio* é uma pesquisa que investiga as relações invisíveis ou invisibilizadas do corpo no encontro sensível consigo próprio e com o corpo do mundo. Para a criação deste trabalho foi necessário cavar um espaço de tempo fora do tempo: um ambiente propício que pudesse fermentar as sementes de percepção e prática de *kairós*: um tempo qualitativo, oportuno, um estado de atravessamento que permite experimentar outras possibilidades de relação com aquilo que nos atravessa. O tempo quantitativo, *cronos*, o ontem, o hoje, o amanhã, que tem começo, meio e fim, o tempo com o qual o mundo utilitarista está acostumado a perceber a realidade, é incapaz de revelar alguns aspectos do universo vivo que só se tornam disponíveis nesse tempo outro de *kairós*. Sendo assim, a *disciplina do devaneio* foi criada no desejo de instaurar um ambiente em que fosse possível entrar em relação comigo mesma e com aquilo que me atravessa a partir de outro olhar, ou ainda, de um *não olhar*, tentando, como propõe Matisse, ter olhos de criança – olhar tudo como se fosse a primeira vez.

A disciplina do devaneio teve início em um deslocamento: foi a partir da mudança de casa que alguns aspectos desta pesquisa começaram a se delinear. A casa para a qual me mudei fica em uma montanha na Vila Romana, bairro da zona oeste de São Paulo, de onde se pode sentir o rio soterrado pela rua de asfalto, que conduz aos dias produtivos inventados pelo homem branco ocidental moderno e contemporâneo. Essa casa fica no alto de um vale, onde o sol se põe bem de frente ao quintal, de forma que o ocaso é um instante que se faz intensamente presente. O dia não existe sem a noite

quando é o caso, portanto, o pôr do sol é o instante de fusão de diferentes estados de sensibilidade, onde é possível também reunir o tempo próprio do devaneio. A pequena casa de fundos, que um dia foi imaginada, projetada e construída por alguém, me faz hoje criar relações com o entorno que materializam outras realidades, criam novas conexões, inventam outros caminhos, espalham novas moléculas. É bonito e intenso pensar que tudo é criação, tudo é invenção. É intenso e convoca também para a responsabilidade de criar: sei que minhas escolhas vão afetar a paisagem ao redor e isto me faz refletir sobre aquilo que sou “livre” para escolher. O sol que se põe diariamente me afeta. Quando mudam as estações, o sol, que antes se punha atrás daquela árvore, agora entardece atrás do prédio. A violeta, que antes florescia sobre a mesa do quintal, agora queima com a luz forte que atravessa seu corpo. Na lua cheia os bichos se algazarram: os cachorros urbanos uivam em sua solidão, os pássaros voam por mais tempo, as cigarras cantam mais alto, a velocidade dos insetos é diferente e é possível ouvir com frequência as freadas bruscas dos carros e as gargalhadas dos que se aventuraram a habitar a madrugada. O sangue que de mim escorre a cada rodada de luas, rega as plantas do quintal. Nutridas de vermelho elas brotam – eclodem do solo em celebração à vida. A morte de um ciclo nutre a vida de outro. A semente que cai de um fruto morto semeia uma nova árvore. A vida é multiplicadora de si própria e não questiona o inevitável acaso ou o trágico do tempo: ela se manifesta plena e sem controle.

Esta pesquisa se iniciou a partir do desenho e se desdobrou em diversas linguagens, passando pela prática da escrita,

da fotografia, da gravura, da aquarela e do bordado, culminando em um livro de artista composto de dois cadernos entrelaçados por um bordado, onde a palavra RELACIONAR-SE foi dividida em duas e se manteve unida por fios que ligam os dois cadernos, de forma que um não pode ser lido sem se relacionar com o outro. O primeiro caderno conta com o registro dos processos vivenciados durante a *disciplina do devaneio*, que teve como única finalidade se conectar à vida e entrar no tempo próprio do sonho: desobedecer poeticamente as narrativas recebidas pela normalidade e sua fixação por cronos e demais instituições cristalizadas, experienciar o invisível, desnORMATizar afetos, desempoderar a violência e cuidar da construção dos mundos sutis e materiais capazes de transfigurar a ordem instituída. Dessa abertura, brotaram alguns inícios: alguns trabalhos começaram a delinejar um pensamento e foram registrados no segundo caderno.



No envolvimento com o processo de desenhar, surgiram algumas questões importantes que desestabilizam o modo de perceber a realidade imposto pela ótica ocidental e pelo pensamento dicotômico, que por exemplo institucionaliza a ideia de *sujeito-objeto*, e a pretensa soberania do sujeito. No ato de desenhar, quando esta soberania não é exercida, há algo que acontece no gesto: as forças que passam a atuar na relação que se estabelece entre aquilo que é desenhado e aquele que desenha são da ordem da *presença*. Na medida em que se envolve com a relação de forças estabelecida no desenhar, o corpo que desenha ganha movimento próprio – já não há controle e nem desejo de acertar: é no gozo de vivenciar o processo que são criadas pontes sensíveis de entrelaçamentos e sutilezas inapreensíveis. Desenhar pode ser uma oportunidade de forças vitais se manifestarem e permitir-se ser atravessada por estas forças é se dispor a desconstruir palavras, hábitos e gestos já conhecidos e ser tomada por aquilo que se manifesta no encontro, provocando uma fenda, uma abertura para o novo. É a partir dessa fissura, desse rompimento, que se faz possível a irrupção de uma micro – ou até nano – política, capaz de desfigurar certas certezas e poderes instituídos em nós mesmas, acendendo um corpo que encontra potência sensível na troca com o universo dentro de si e com a vida que o atravessa.

Entrei em contato com esse pensamento de forma profunda ao desenhar uma xícara antiga, que um dia habitou a casa de minha avó e me foi presenteada pela minha mãe há algum tempo. Foi uma experiência indescritível e atemporal me entrelaçar com seu desenho, suas formas e cores,

perceber suas nuances e tentar reproduzir aquele azul acinzentado que não tinha matiz definida. Passei dias com essa imagem vibrando em mim e do desenho brotou um poema. No instante da experiência, ocorreu uma espécie de dilatação do tempo, aonde eu e a xícara viramos uma só. Depois desse processo, algo mudou na forma como eu me relaciono com a xícara: tomar café nunca mais foi igual. Eu e a xícara ganhamos intimidade.

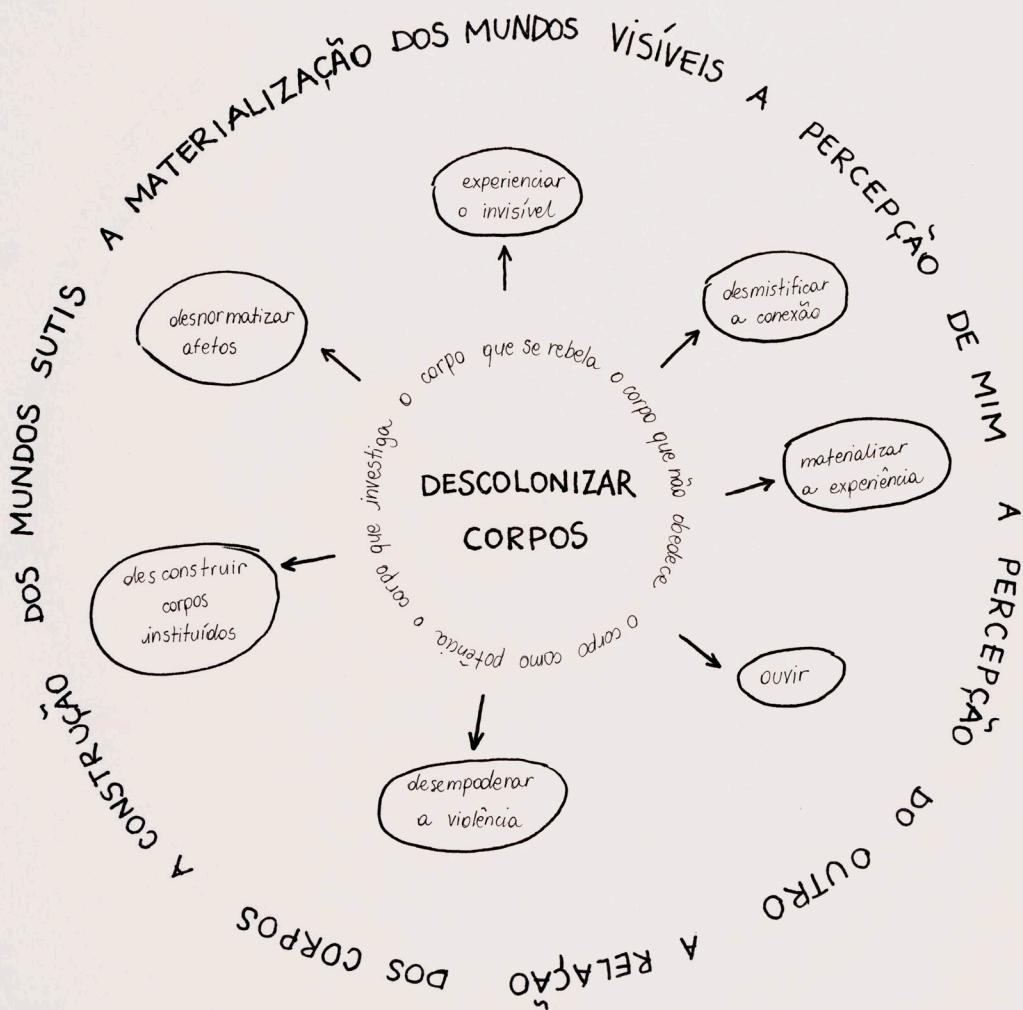
Se tudo é vivo, tudo vibra e tudo traz em si o potencial de afetar, porque o invisível de tudo não é notado? Aonde está o invisível das coisas visíveis? O que nos impede de ter uma relação de intimidade e respeito com a vida que compartilhamos?

Estas perguntas me acompanham há um bom tempo e hoje me parece oportuno dizer que mergulhar no tempo de *kairós* – esse tempo do sonho, do devaneio, do tropeço, daquilo que escapa à produtividade, ao acerto, ao pensamento objetivista – é o que permite encontrar o invisível que habita tudo o que é vivo. Se entendermos que toda a matéria que nos circunda é viva, é fácil perceber que mesmo o universo aparentemente inorgânico ou sintético, tem uma *origem* e uma *memória*. Não é possível criar uma xícara ou uma garrafa de plástico sem extrair, modificar e sintetizar matérias que passaram por um processo de formação milenar, como os minérios utilizados na fabricação da porcelana, ou o petróleo que compõe o plástico. Neste sentido, nenhuma criação humana pode ser fragmentada do resto da vida, uma vez que tudo o que é vivo compõe um grande corpo coletivo indissociável.

A vida inventada pelo tempo de *cronos*, a vida heróica, solar, produtiva, assertiva, reativa, agressiva, patriarcal, falocêntrica, cognitiva, desconectada da multiplicidade de sentidos cruzados do corpo e predominante no modo de existir contemporâneo, coloniza, separa, impõe: instaura ambientes que silenciam o devaneio – essa experiência de tempo sem início nem fim. Já que a potência de vida nunca se impõe – ela sempre se manifesta onde há espaço e escuta, é aniquilando *kairós* da vida cotidiana que se elimina também a vida que preza por amplitude de sensibilidade, e os seres poéticos, assim como os rios, são soterrados, e deixam de se conectar por delicadeza e afeto. No entanto, ainda que submersas, as águas são impossíveis de conter. Escavam seu caminho e resistem, insistem, pulsam, pensam, criam fissuras no escuro propulsor de vida aonde a luz solar não alcança. É a partir da fenda no tempo que podem emergir criando seu próprio rastro. Afetar-se pelo corpo do mundo é também abrir espaço para lidar com o que brota deste encontro de inúmeras sutilezas, ora perceptíveis, ora inapreensíveis. Não ignorar as forças de embate que violentamente atravessam o corpo na esfera do sensível é admitir-se viva e, portanto, criadora de mundos. Admitir-se parcela fundamental na criação da realidade e, por estar viva, partícula capaz de modificar a si própria e ao seu redor a todo instante, na medida em que se envolve com a própria vida.

É desta invenção que surge a disciplina do devaneio, no desejo de criar encontros e, a partir deles, transfiguração, embates, choques de força, entrelaçamento, respiração, fôlego, hálito, estado de ânimo, coragem, vigor.

No entendimento de que relacionar-se é urgente, é inadiável criar novas formas de encontro. Será vital partir de um lugar totalmente desconhecido, onde não existam certezas nem objetivos, em que seja possível recriar o entendimento de mundo. Encontrar no abismo a memória de um corpo ancestral e, na memória, o eterno movimento propulsor de vida. Habitar o fio tênue do encontro com tudo o que vibra, que é inevitavelmente um encontro consigo mesma.





todos os dias amanheçemos  
sentimos juntas  
o gosto do café  
ligando nossas bocas  
gota a gota  
enquanto lá fora  
as plantas crescem  
nas noites frias  
partilhamos  
o suor dos chás  
por tantas vezes  
meus lábios tocaram  
sua pele  
e eu nunca tinha reparado  
no azul acinzentado  
da sua carne  
esse que tanto me instiga  
por não ter  
matiz definida

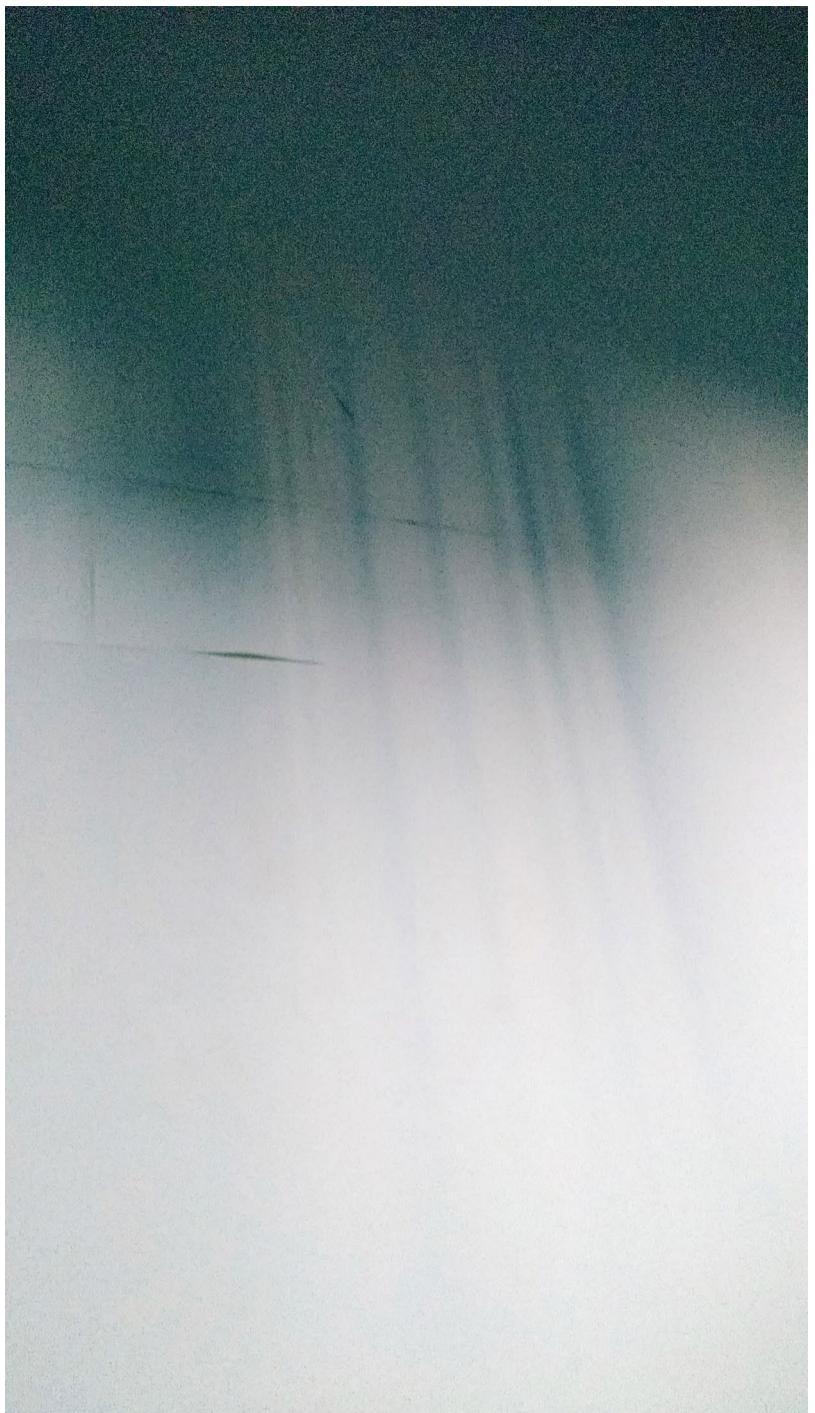
todos os dias amanhecemos  
sentimos juntas  
o gosto do café  
ligando nossas bocas  
gota a gota  
enquanto lá fora  
as plantas crescem  
nas noites frias  
partilhamos  
o suor dos chás  
por tantas vezes  
meus lábios tocaram  
sua tez  
e eu nunca tinha reparado  
no azul acinzentado  
da sua carne  
esse que tanto me instiga  
por não ter  
matiz definida

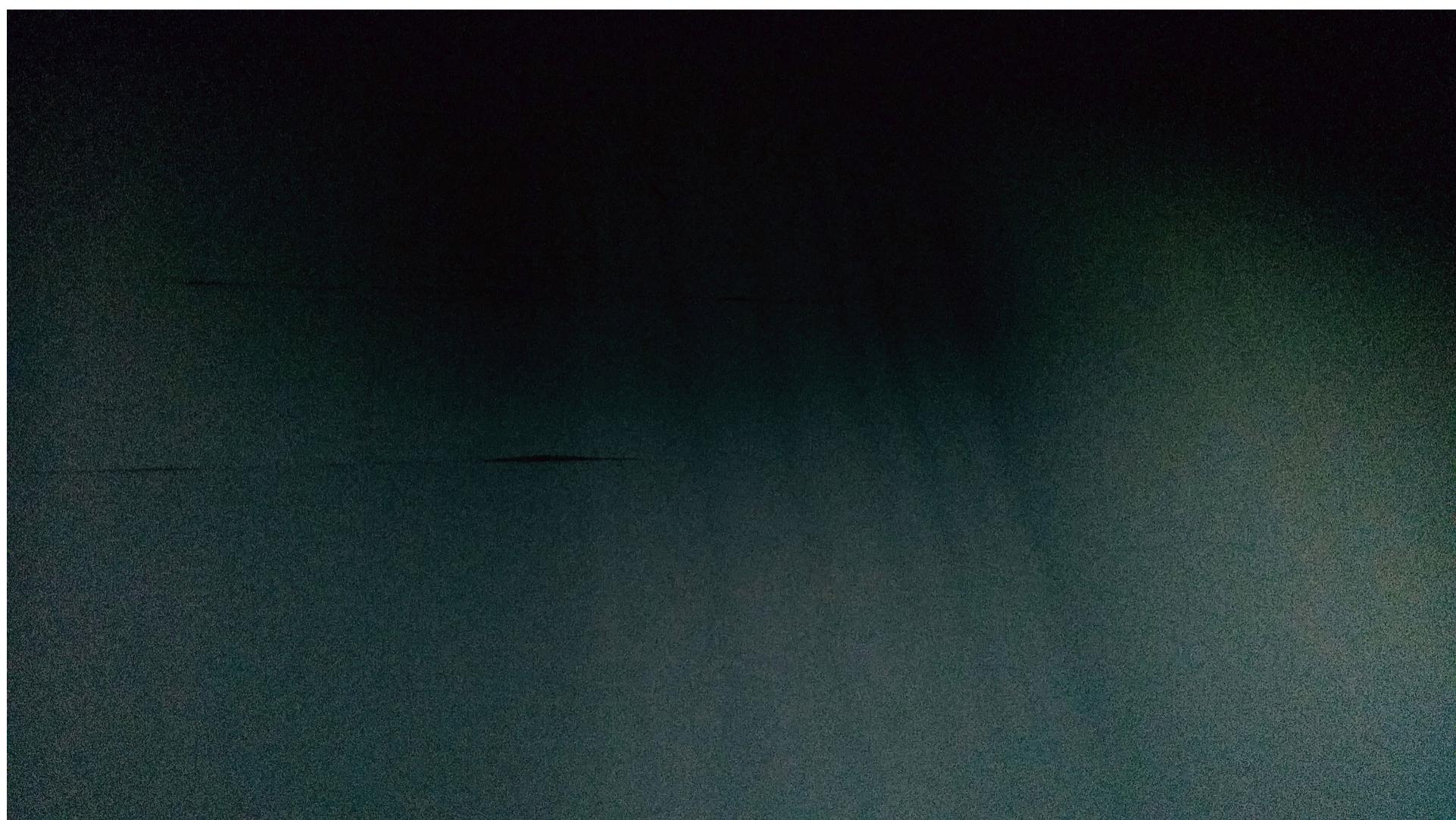


















me deixo  
penetrar  
por tudo  
estou viva  
e posso sentir  
no cheiro  
da morte  
o pulso  
incessante  
que faz  
tremer  
a terra  
em giro  
respiro  
o ar  
que insiste  
em fazer  
cantar  
os pássaros  
gozando  
sem objetivo  
sou aquilo  
que brota



